

OPINIÃO

Como os agentes de IA estão reinventando o trabalho em tecnologia bancária

Telesforo Caceres Junior (*)

O setor financeiro sempre esteve na linha de frente da transformação digital, mas a nova onda de Inteligência Artificial (IA) aponta para uma mudança ainda mais profunda: o deslocamento do foco do desenvolvimento de código-fonte para a orquestração tecnológica.

Se nas últimas décadas os bancos investiram pesadamente em equipes capazes de desenvolver sistemas complexos, a próxima fase será marcada por profissionais que saibam coordenar soluções baseadas em agentes de IA. Essa mudança já começa a aparecer em bancos brasileiros, especialmente nos projetos de modernização de aplicações e migração de sistemas legados, onde a IA tem acelerado processos historicamente demorados.

Essa transformação ocorre em um contexto de forte crescimento dos investimentos em tecnologia. Segundo um levantamento, os bancos brasileiros projetaram aumento de 61% nos investimentos em IA, analytics e Big Data, com mais de 80% das instituições já utilizando essa tecnologia em suas operações. Ao mesmo tempo, projetos conduzidos pela GFT indicam que a IA pode elevar a produtividade bancária em até 40% e automatizar mais de 60% das tarefas rotineiras, liberando profissionais para atividades mais estratégicas. Esse movimento reforça uma conclusão importante: o valor não está mais apenas em construir aplicações, mas sim na gestão inteligente das tecnologias disponíveis.

O uso da IA para modernização de sistemas legados é um dos principais motores dessa mudança. Bancos convivem há décadas com aplicações críticas construídas por múltiplas equipes ao longo do tempo, o que torna a reengenharia de arquitetura um desafio técnico e cultural. Ferramentas de IA têm permitido compreender sistemas antigos, reconstruir arquiteturas e migrar bases de dados com velocidade inédita. Em projetos recentes de modernização, tarefas que tradicionalmente levariam meses passaram a ser executadas em poucos dias, ilustrando como essa tecnologia está encurtando ciclos de desenvolvimento e reduzindo custos operacionais.

Esse impacto já aparece também em estudos globais sobre engenharia de software. Pesquisas indicam que desenvolvedores podem completar tarefas até duas vezes mais rápido com ferramentas de IA Generativa, especialmente em atividades como documentação, geração de código e refatoração. Em empresas de tecnologia, esse cenário já é realidade – parte significativa do código já é escrita por sistemas automatizados, tendência

que tende a se espalhar para o setor financeiro.

O efeito mais visível dessa evolução é a mudança no perfil dos profissionais de tecnologia. Em vez de especialistas focados em sintaxe e implementação detalhada, cresce a necessidade de profissionais capazes de definir produtos, arquiteturas e integrações. Especialistas já falam em uma era de engenharia “AI-first”, na qual engenheiros se concentrarão em orientar agentes inteligentes com contexto e objetivos de negócios claros, em vez de escrever código manualmente. Na prática, isso significa uma evolução no papel dos desenvolvedores: em vez de se concentrar apenas na escrita manual de código, esses profissionais passam a atuar cada vez mais na orquestração de soluções baseadas em IA.

O mesmo raciocínio vale para a gestão tecnológica dentro das instituições financeiras. Os líderes de tecnologia tendem a deixar de administrar apenas equipes humanas e passar a coordenar ambientes híbridos, compostos por pessoas e agentes de IA. Essa evolução já aparece nos debates estratégicos do setor bancário, no qual estudos apontam agentes autônomos como um dos principais pilares da próxima geração de serviços financeiros, ao lado de identidade digital e computação avançada. No futuro próximo, será comum que gestores monitorem a performance de agentes, ajustem parâmetros e avaliem resultados com o mesmo rigor aplicado hoje à gestão de equipes humanas.

Naturalmente, essa transição exigirá mais do que tecnologia. A experiência mostra que ganhos reais só aparecem quando processos e pessoas evoluem junto com as ferramentas. Organizações que apenas introduzem soluções de IA sem rever fluxos de trabalho tendem a obter resultados limitados, enquanto aquelas que redesenham processos conseguem ganhos expressivos de produtividade e qualidade. Esse é um lembrete importante em um momento em que o entusiasmo tecnológico pode levar a expectativas irreais sobre o papel dos agentes de IA.

Nos próximos três a cinco anos, a área de tecnologia dos bancos deverá se transformar em um ambiente essencialmente orientado por agentes. Equipes menores e mais especializadas irão coordenar ecossistemas tecnológicos complexos, com ciclos de desenvolvimento cada vez mais curtos e foco crescente no produto final. Nesse cenário, a vantagem competitiva não estará em quem escreve mais código, mas em quem consegue orquestrar melhor as tecnologias disponíveis – e transformar agentes de IA em resultados concretos de negócio.

(*) Business Director no Brasil da GFT Technologies.

Guerra ameaça indústria de chips em Taiwan

O bloqueio do Estreito de Ormuz pode provocar crise energética e de insumos em Taiwan, centro global da produção de chips.

Vivaldo José Breternitz (*)

A medida em que a guerra se estende, o bloqueio do estreito tornou-se um gargalo para o comércio internacional. Navios que transportam petróleo e gás natural liquefeito (GNL) estão bloqueados, e Taiwan, responsável pela fabricação dos chips mais avançados do mundo, já sente os efeitos da crise.

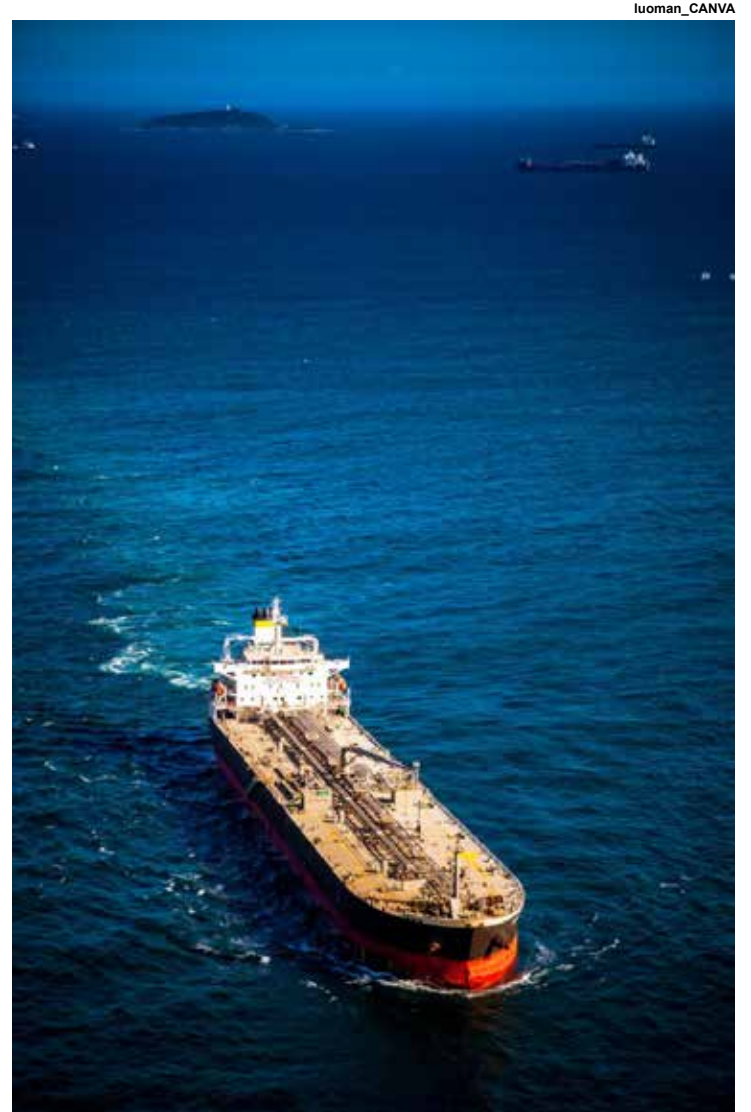
A ilha importa 97% da energia que utiliza, sendo que 37% do combustível vem do Oriente Médio. O fornecimento contínuo de GNL é essencial para manter em operação as fábricas da TSMC, a gigante que produz todos os chips da Nvidia, incluindo GPUs voltadas para inteligência artificial.

Além da energia, o hélio é outro insumo crítico para a indústria de chips. O Catar responde por um terço da oferta mundial, e qualquer instabilidade na região pode comprometer o abastecimento. Embora autoridades taiwanesas afirmem que os estoques de GNL e petróleo estejam garantidos até maio, e o mercado estime que algumas semanas adicionais de GNL estão a caminho da ilha, provavelmente a preços elevados, uma escalada da guerra e atrasos prolongados nas entregas poderiam trazer sérias consequências.

Analistas alertam que esses atrasos poderiam levar os fabricantes a priorizar chips de maior margem, como os voltados para IA, em detrimento de componentes menos lucrativos, como os utilizados em notebooks, smartphones e outros equipamentos de consumo. Isso agravaria a já delicada situação da cadeia global de suprimentos, pressionada pela explosão da demanda de inteligência artificial e pela alta nos preços de memória e GPUs.

Cabe lembrar que o conflito elevou os preços dos combustíveis ao redor do mundo, inclusive no Brasil, e o seu prolongamento deve tornar a situação cada vez pior.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.



luoman_CANVA

Plataformas de gestão remota ajudam empresas a controlar equipamentos a distância

A gestão de dispositivos na ponta da operação, como terminais de pagamento (POS), sistemas de ponto de venda (PDV), totens de autoatendimento, entre outros, tem ganhado relevância à medida que empresas ampliam suas operações físicas. Com equipamentos distribuídos em diferentes unidades e regiões, o controle, a atualização e a manutenção desses dispositivos se tornam desafios operacionais.

Esse cenário acompanha o crescimento do mercado de gestão de dispositivos. O mercado global de Mobile Device Management (MDM) foi avaliado em US\$ 15,75 bilhões em 2025 e deve atingir US\$ 20,44 bilhões em 2026, segundo levantamento da consultoria Fortune Business Insights. O avanço é impulsionado, principalmente, pelo aumento de dispositivos conectados em operações comerciais e pela necessidade de controle remoto dessas estruturas. Além disso, a adoção dessas plataformas tem impacto direto na eficiência operacional. Um estudo da empresa de mobilidade corporativa AppTec360 aponta que 86% das organizações afirmam que soluções MDM contribuem para melhorar a eficiência na gestão de dispositivos, especialmente em ambientes com equipamentos distribuídos em múltiplos pontos.

Na prática, operações de redes de varejo, restaurantes e empresas de serviços podem

operar com centenas ou milhares de dispositivos ativos simultaneamente. Sem gestão centralizada, tarefas como atualização de software, controle de uso, diagnóstico de falhas e aplicação de políticas de segurança dependem de intervenções locais, o que pode aumentar custos e tempo de resposta.

Nesse cenário, a empresa brasileira Eterra disponibiliza o MDM-Hub, uma plataforma voltada para a gestão de dispositivos a distância. A solução permite gerenciar equipamentos de diferentes fabricantes em um único ambiente, com suporte a dispositivos Android.

Entre as funcionalidades da plataforma está o monitoramento em tempo real dos hardwares. Por meio de dashboards operacionais, é possível acompanhar o desempenho dos equipamentos, identificar falhas e visualizar indicadores da base instalada sem a necessidade de acesso físico.

Segundo Sheila Cohen, CEO da Eterra, a gestão remota tem se tornado uma alternativa para empresas que operam com equipamentos distribuídos em diferentes locais. “A medida que as operações crescem e passam a depender de equipamentos conectados em diferentes regiões, ter visibilidade e controle centralizado desses dispositivos se torna essencial. A gestão à distância permite identificar problemas com mais agilidade, reduzir impactos operacionais e manter a

continuidade do serviço.”, afirma.

Outro recurso é a geolocalização dos dispositivos, que permite acompanhar onde cada equipamento está sendo utilizado. Esse tipo de controle é especialmente útil em operações com múltiplos pontos de venda ou atendimento distribuídos.

A gestão de aplicativos também faz parte da solução. Com a ferramenta, é possível instalar e atualizar softwares remotamente, programar atualizações de segurança e controlar versões de aplicações utilizadas nos dispositivos. Esse processo reduz a necessidade de deslocamentos de equipes técnicas e agiliza a manutenção dos equipamentos.

Além disso, o sistema permite definir políticas de uso e segurança, com aplicação de restrições de aplicativos e configurações remotas. Em casos de perda, roubo ou uso indevido, é possível bloquear equipamentos à distância e enviar comunicações diretamente para os dispositivos.

“A proposta é permitir que empresas tenham controle sobre os hardwares que estão na ponta da operação, garantindo que estejam atualizados, protegidos e funcionando corretamente, sem depender de intervenções presenciais para tarefas que podem ser realizadas remotamente”, completa Sheila.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Ferramenta de assinatura digital integrada para salões e clínicas

@ A Gendo, plataforma brasileira especializada em gestão e agendamento para negócios de serviços, anunciou o lançamento do Gendo Docs, um novo módulo de assinatura digital integrado ao seu sistema. A ferramenta foi desenvolvida para atender profissionais

e estabelecimentos dos setores de beleza, estética e saúde, permitindo criar, enviar, assinar e armazenar contratos e documentos com validade jurídica diretamente na plataforma. Para o primeiro ano de operação, a empresa projeta alcançar cerca de três mil contas ativas utilizando o Gendo Docs, com um volume estimado de 38 mil contratos assinados digitalmente pela plataforma (<https://www.gendo.com.br>).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,

468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.